

# O REPUBLICANO

EDITOR E ADMINISTRADOR,  
**António de J. Teixeira**  
Comp. e imp. Tip. Minerva Vimaranesse

PROPRIEDADE

— DO —

Centro Democrático Vimaranesse

REDACTOR PRINCIPAL,  
Eduardo d'Almeida  
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

## Contos da caróchinha

O criado da quinta, o Miguel, a quem pedira para me ensinar o caminho, andava tão lépido que esbofava o mais pimpão andarilho com botas de sete léguas, e, sem errar passada, se lhe davam á taramela, punha um tom sarcástico de pessimismo nas suas observações.

Ao fim de poucos quilómetros já eu me ia das pernas de cansado e foi mais para engalhar o tempo que por curiosidade que, numa volta do caminho, levantei o gramêlho dum portal de madeira, travando-lhe a andadura com inquirir de quem moraria ali: —Não conheço isto... E é uma linda casa!

O Miguel fitou-me, um pouco atolambado, mas logo cerrando o portal num sacudido gesto de energia que, na ocasião, atribuí á previdência de nos livrar as canelas dos rafeiros, mas cujo significado mais tarde averigui ser o dum tótemico horror á apalçada casa, sobre que pesava o negro crime da trivial ingratitude humana.

Ali vivera em tempos, contou o Miguel, um certo morgado rico mas parvajola que, deixando-se iludir pela fartura dos anos fartos, tanta imprevidência e loucas dissipações cometeu que veio, breve, a esbarrandar-se numa improba e vergonhosa penúria—a terra hipotecada e sem capital para a cultivar, assediado pelos crédores, e mal havendo com que aquecer ao palido brasido um caldo de vèrsas, mais ordinário do que as malgadas que, outrora, áquêle mesmo portal, a pequenita pegureira dava de esmola aos cegos que passam, cantando á viola, pelos caminhos das aldeias.

Tinha o fidalgo um parente afastado, vivendo honestamente e alegremente do trabalho duma oficina, enramalhada de cheirosa madresilva e numa festiva primavera de chilreios de crianças, de quem, por muito confiar nas prendas de actividade zelosa e inteligência experimentada, conseguiu a muitas instâncias o viesse auxiliar. O bom do homem, na santa ingenuidade do bem fazer, deixou a sua casa e meteu ombros á tarefa. A luta foi tamanha—e ninguém, naque-

las léguas em redor, o ignorava—que nela deixou a própria vida.

Mas a terra fructificou de nôvo, encheram-se os celeiros vãos, satisfizeram-se os crédores que, logo de principio, vendo pessoa autente para levar a obra a cabo, tinham açaimado as suas impaciências, e ainda aguloseimados com largos interesses, e até parecia outra a casa, como se ás pedras desmanteladas em ruína um esforço herculeo tivesse dado a consistência heroica duma muralha invencível. Na eira, pelas malhas, na adéga, pelas vindimas, centênas de lavradores cantavam e riam: que a mão avára do senhor tornara-se mais dadivosa e justa, sabendo remunerar os humildes que também trabalhavam.

O morgado, êsse, só apparecia de longe a longe, muito ancho, como a remirar-se no seu génio esplêndido, mas não lhe faltavam nem palmadas li-songeiras, nem festinhas acarinhadoras, nem ademanas piegas para «o grande homem que o salvara», o infatigável, o rude e honesto lutador que, apenas de si próprio esquecido, ia abrindo a cada hora queimada na febre do trabalho—moendo sangue, músculos, cérebro, coação—a cova da sepultura.

A que desceu, coitado, nôvo ainda e mais pobre do que nunca á hora da morte, pois que nela sentiu o operário, que tão fartamente havia enriquecido a casa, pensando na absorção exaustiva da sua actividade fecunda, e entrevedo, nas lucilações da agonia, o futuro dos seus, uma amargurada tristeza de vencido.

Não sabia o Miguel se o sôrna do Morgado fôra de guardasol branco e de botas de montar té ao coval humilde, bamboleando a pança reverenda, mas houve quem o ouvisse, com gaudío da parentela atraída pela abundância e comendo á ufa, encorreada de inveja, perorar, entre as flatulências duma complicada digestão, que afinal o outro não cumprira mais do que o seu dever... de homem honrado!

Era pífia de bonacheirice e tresandante de vulgaridade a história, mas, porque me lem-

brara casos muito do meu conhecimento, certo é que me sorri dolorosamente e arranjei fôrças para acompanhar o Miguel na sua desastuinada correria.



### MÃOS

Tomei, nas minhas mãos, a tua mão  
Que se deixou ficar de desmaiada,  
Assim, nas minhas mãos abandonada,  
Como um cançado e triste coração.

E devagar, pedindo-te perdão,  
Poisei a minha boca sufocada  
Na tua mão que é linda e perfumada  
Como um sonho de noite de verão!

Mas quando a minha boca se poisava  
Na tua carne em flor, que desmaiava,  
—A tua linda mão ressuscitou...

E eu fiquei sem saber, e com razão,  
Se fui eu que beijei a tua mão,  
Se foi a tua mão que me beijou...

Alfredo Pimenta.

(da Payzagem de Orquídeas)

### A lingua portuguesa

De Camillo

—... não me forro ao perigo de...: não fujo, não quero evitar o perigo de...;

—... carpintizei o tabique: carpintear;

—... ese esgarrara do rumo...: desviar do rumo; fazer garrar: desprender as amarras;

—... ingranzava as contas das camaldulas...: ingranzar não vem em Candido de Figueiredo. Se derivado, ou semelhante a ingranzeu ou ingresia (berreiro, alarido) significaria resmungar alto. Mas Camillo acrescenta a êsse sentido o de ir comendo (resmungadamente) a résa. Camaldulas—as contas do rosário. Camaldulo—religioso de San Romualdo em Camaldoli, Toscana;

—... retrucara com sobrececho...: respondera com atrevimento;

—... sofraldou a saia...: ergueu a fralda da saia;

—... uma hora de relêgo: uma hora de descanso. Candido de Figueiredo só dá á palavra relêgo o sentido dum certo privilégio;

—... uns ladrões de Vila Real que para aqui andaram amaldados: em malta, em bando;

—... não tenham grelado grandes homens: não tenham germinado, aparecido, sido criados;

—... neste comenos: entretanto;

—... ricitou-lhe não sei que barzabum de charopadas: que demónio de drogas;

—... e senti razearem-se os olhos de lágrimas: encherem-se;

—... atassallar a reputação alheia: maldizer, morder, cortar na...

Z.



### Despedida

A redacção d' *O Republicano* despede-se com êste número, o último do primeiro ano, dos seus amigos e leitores, agradecendo a uns as imperecidas provas de gentil deferência com que a honraram, e penitenciando-se perante os outros das indigestas massadorias pregadas e que radicalmente andam inerentes ao alcatruante mister do jornalismo, designadamente ao provinciano.

Para evitarmos mais reparos da natureza dalguns já feitos, cumpre-nos esclarecer que o número 24 dêste semanário abrangia dois números (o 24 e o 25), o que, por lapso, não se mencionou logo, sendo essa a razão porque o seguinte teve 26 de numeração.

E' *O Republicano* propriedade do *Centro Democrático Vimaranesse*, ao qual, ao declinarmos o encargo, agradecemos a ampla e inteira liberdade de acção que nos reconheceu, fazendo votos para que, sem interrupção, continue esta obra, como aliás se nos afigura indispensável, podendo mesmo assim cumprir o contracto da arrematação dos anúncios camarários.

A' nova redacção, para que os nossos leitores não sejam lesados, oferecemos a continuação das *Memórias de Judas*, que é um dos mais notáveis romances que temos lido, e a reedição do excelente estudo do nosso ilustre deputado, Dr. João Barreira—*A Habitação em Portugal*—, para que estavamos autorizados, tencionando solicitar do Ministério da Instrução licença para o acompanharmos das respectivas gravuras, pois que aquêle estudo saíu em edição do Estado, ainda no tempo da monarquia.

A curiosidade é uma das formas da bravura feminina.

VITOR HUGO.

### Nôvo administrador do concelho

Foi proposta a nomeação do nosso bom amigo e inteligente e

distinto advogado e notário Dr António Bastos para administrador do concelho de Guimarães. E' realmente grave a conjuntura que atravessamos, e portanto incôgnovelmente difícil e espinhoso o exercicio daquêlê cargo. Mas felizmente a escolha parece-nos acertadíssima não só por que o Dr. António Bastos tem vastos conhecimentos de direito administrativo, mas porque, pela sua imperecível delicadeza e correção e pelo brilho da sua inteligência, pode e ha de com certeza desempenhar condignamente o melindrôso lugar a que foi chamado. A sua Ex.<sup>a</sup> renovamos as nossas sinceras felicitações.

\*  
«A amizade entre um homem e uma mulher não é um sentimento natural e não pode conseguir-se senão depois de haver atravessado duras provas e de as ter vencido, por uma perfeita integridade de coração, um grande esforço de vontade: a principal e a mais perigosa dessas provas é o amor.»

### Versos dum cavador

#### A MULHER

Prá mulher ser infeliz  
Bastava-lhe só ser mulher,  
Sempre nas linguas do mundo  
Esteja ela onde estiver.

Não fala, tem presunção  
E passa por indecente;  
Se fala p'ra tôda a gente  
Não conhece a posição.  
Se ela vai a um serão  
Há uma lingua que diz:  
—«Ela foi lá porque quiz  
Aparecer ao amante.»—  
Tudo isto é bastante  
Prá mulher ser infeliz.

Se vai á missa engomada  
Há quem se atreva a dizer:  
—«Não ganha para comer,  
Mas tem p'ra andar acedado!»—  
Se vai suja e mal trajada,  
E' bandalho porque quer.  
Venha lá donde vier  
E passe por quem passar,  
Pró mundo dela falar,  
Basta-lhe só ser mulher.

Se vai á dança, é devassa;  
Se não vai, é orgulhosa;  
Se quer ser religiosa,  
Dizem que é beata falsa;  
Se p'ra rua sai descalça,  
E' um bandalho sem segundo;  
Se calçada, gasta tudo,  
E' pobre e é presumida.  
Sempre nas linguas do mundo.

Se fica em casa é senhora,  
E' fidalga sem ter renda;  
Se trabalha na fazenda  
E' tida como impostora:  
Não tem a triste uma hora  
Que a desgraça a não espere.  
Faça ela o que fizer  
Em favor do seu bom porte  
Falam dela até á morte,  
Esteja ela onde estiver.

Manuel Alves.

## DA MINHA TERRA

## O Tio Joaquim

Endoicera havia muito.

Manias? Oh! não, nunca as teve, pobre velho!

Desgraças, infelicidades! Pedações de alma que fogem... Tormentos, aflições que envelhecem e matam.

Morrera-lhe o filho.

E ele vira-o partir, numa tarde de inverno suja e triste, roubado tam traiçoeiramente à vida, sem poder valer-lhe, sem poder beijá-lo, e sem que ninguém sequer ao menos pudesse, em corfôrto, apontar-lhe o céu, logar privilegiado e risonho, para onde avoam as loiras criancinhas, os anjinhos inocentes desta terra, porque todos lhe apontavam o fundo do rio, trementes de terror, páliços de comoção, estarrecidos de dôr e pena.

—Foi por ali... no fundo...

E endoicera.

Agora, emborcando cálices de água-ardente, o velho J'aquim passa essas tardes arripiadas e turvas de inverneira muito acolhido na tasca sombria e pobre do moleiro da ponte.

O inverno!

O frio tolhe-o, enregela-lhe as carnes, e ele achega-se muito p'ro canto retirado da tasca, e ali fica muito entalado entre a estreita abertura dos cascos, assentado na ponta dum comprido banco de pernas de forqueta, todo comido de golpes de foice, a olhar muito pasmado, com o encantamento dum sonâmbulo, pela varanda do fundo, a fita larga do céu pardacento, p'ro fundo, onde correm umas nuvens baixas, dum turqueza esfominhado, muito parecidas com o fumo que ao bater religioso das trindades sobe das casinholas dessa aldeia remançosa e sossegada.

—Uff!... que frio—faz o velho, quando o vento lhe vem sacudir as carnes, assim de surpresa, traiçoeiramente.—Mais

um cálice, mais oitro, oitro inda, p'raquecer.

E o velho abre então a bôca desdentada num ah roufenho de contentamento, estremece, todo se sacode, faz uma cara feia ao cálice que pousa nervosamente, acende uma corisca que tira detrás da orelha, pranta-a ao canto sumido da bôca, engilhado de pregas, e p'ra li fica assim a modos de enfasiado, a ver deslizar a tira volumosa e branca do rio que abraça em serpentina um oiteiro despido.

As árvores do fundo, da oitra extrema, sem folhagem, de canos velhos pendentes e de guias sêcas de vide caíndo entrelaçadas, amostram na ladeira distante um alto sedeiro de ouriçados pedregulhos, por onde caem crêspas cabeleiras de silvas bravas.

O vento, a espaço, geme longe, e vem assim, em toada de inverno, roubar aos troncos das árvores a carícia das últimas fôlhas já sêcas e mirradas, arrastando-as por essas rampas e quebradas, té as precipitar ao seio encrespado das águas, e aos torcicolos levá-las muito tempo, té as despedaçar lá no fundo, na fraga excomungada onde a água cai em cachão.

E o velho entristece e ri, chora, desespera-se, e vai apontando com o dedo magro, vendo deslizar as fôlhas:

—uma... oitra... p'ro fundo...

E' o doido, dizem, e todos mofam dêle.

E então?... E deixá-lo... Pobre velho.

Foi numa tarde de domingo que eu o vi pela primeira vez. Era uma tarde calma dêsse inverno rigoroso, cortada de longe a longe por um chuvisco ralo eincerto, e muitas vezes doirado pela poeira do sol, que brincava lá no alto, entre nuvens, garotamente.

Que lindo! Estavam as bruxas a pentear-se!

Na tasca havia festa.

Uma dessas festas que os ambiciosos tasqueiros costumam fazer muito freqüentemente, de chamadoiro à freguesia e de pirraça aos seus colegas.

O ramo de loureiro, à porta, pendia do cunhal, enfeitado a tiras de papel de sêda.

—Eh! lá, ó tio J'aquim.

E ele caminhava sempre, sem atender ninguém, domingueiramente posto, muito asseado, peito branco lavrado aos corações, socos ferrados, justilho desabrochado, e o cabelo grisalho, aspero como cerdas, muito comprido na nuca, a surrar a gola sebossa da jaqueta escura de montanhaque.

Direitinho p'ro sítio como um fuso, lá foi, entrou.

Pelas três horas, à porta da tasca, marcialmente, abordou a tocata dali próximo, uma tocata muito conhecida, característica e celebre, que fórma na cidade todos os domingos que esteja contratada, com gaudío e pimponice, depois da missa do meidiã, e que percorre as ruas mais centrais como em arruada de festa.

No pequeno largo, já já um vozeirar medonho.

Dentro da tasca, ui! que de povinho!, jogava-se a bisca, e na horta, num cacifro comprido, a bola.

Os tunos abriram alas e formaram ao lado.

O do clarinete, um homem como uma trave, desempenado e forte, soprou um lá muito agudo e extenso, os violões e violas afinaram, o do cavaquinho zangarreou uma tremidela, e então o da rabeça,—um velhote baixo,—vocêis conhecem-o bem,—de suissas curtas, voz de falsete, alambicada e maricas, que ao corpo dá sempre uns típicos requebros de músico daldeia,—deu a entrada, e logo as primeiras notas do regadinho desafiaram uma fêra moçaila que começou a deitar cantiga.

a mim sem terminar a frase: morrem abandonados!

—Quem sabe, respondi, mas o mêdo... E não será menos triste morrer sem cansar o olhar da figura humana?

Estavamos ao pé das cruces. Os condenados tinham os olhos fechados ou virados para o céu. Nenhum dêles morrera ainda. Os peitos levantaram-se com um esforço que fazia estalar as costelas. Os ossos das extremidades estavam partidos, o corpo contraído e recurvo, projectava-se para a frente. A agonia era horrível.

Ouvindo passos, só uma voz se desprende daquelas gargantas queimadas e sufocadas: sede, sede!

Não tinhamos agua, nem escada. Bar Abbas precipitou-se do planalto para procurar alguma coisa. Até este bôbo entristecêra! Disse o meu nôme. O meu nôme era conhecido de todos os patriotas do ex reino de Herodes. Então uma outra palavra saltou de todos êstes lábios ardentes como a bôca dum fôrno: Vingança!

—Sim, irmãos, respondi: morrei em paz; sereis vingados!

Dois ou três peitos cessaram de dilatar-se.

Maria chorava. Justus, a cabeça caída, parecia desolado e contemplava-a.

Eu torcia-me não podendo prestar nenhum socôrro, nem aliviar, nem abreviar nenhuma agonia.

Ficamos em silêncio, ouvindo

—Eh! moças, toca a dançar.

Logo, entrementes, tudo sacudia o regadinho, aos saltos, às voltas, numa mistura de pagode selvagem.

A fedelhada, ali ao pé, fazia um restolho das maleitas, às cambalhotas, aos tombos, batendo de quando em vez as palmas em manifestações de agrado.

Té o velho J'aquim lá do seu cantinho predilecto sentiu uma sombra de rejuvenescimento e de alegria. Ergueu-se entusiasmado e soltou um bravo muito sentido que acompanhou de gargalhadinhas inocentes, que davam ao seu rosto avelhado um todo de paspalhice.

—Giribita ali p'ro tio J'aquim—gritou o do clarinete.

E batendo-lhe no ombro amigavelmente—eram amigos velhos, do tempo da escola—pediu-lhe que contasse uma historia, mas daquelas antigas, bonita, êle sabia, para entreter a rapaziada da função. E gritou logo, sem mais aquelas—Eh! moços e moças, tudo p'raqui, o velho vai botar uma historia.

Todos fizeram roda p'ro ouvir.

O velho sorriu, firme, calado. Encarou-os a todos, um por um, deitou ao lado o chapeirão de pelos, entristeceu, e ficou pasmado, a olhar, a olhar muito, murmurando:—uma historia! uma historia!

Ah! mas êle sabia realmente historias.

Ele contára muitas, lembrava-se muito povo, às cachopas do logar, nas tardes quentes de sol tésto, quando pelos campos ia uma faina d'arrasar, naquelas horas de sesta em que todos se estendiam cançados, pelas bordas ensombradas.

Histórias? Ele sabia. E então? Schiu! Silêncio... O velho vai contar.

Arregalou os olhos sumidos, nervosos, turvos, rajados de vermelho e vai de começar:—*Foi no inverno, ao cair da folha, assim por uma tarde...*

esse ronquido que dilacerava a alma.

A lua continuava num galope desenfreado por entre as nuvens batidas pela brisa; os grilos queixavam-se nas fendas da rocha que ia arrefecendo; o cri-cri chamava a companhia; e o cuco lançava a sua nota de monotonia ao vento que nos trazia o hálito empestado do vale estendido a nossos pés; o chagal, mas longe, latia satisfeito. Enquanto as janelas do palácio de Herodes resplandeciam com o festim de Claudia e ao governador de Syria, os peitos dos supliciados extinguíam-se pouco a pouco. E Bar Abbas que não chegava! Não pude aguentar-me mais.—Adeus! exclamei, fugindo para baixo da colina.

—No céu! responderam-me as duas vozes que se distinguíam ainda.

Quasi todos êstes desgraçados criam na resurreição.

Pouco depois, Justus trazia Maria. Bar Abbas chegara tarde: o sacrificio estava consumado.

O eco repetia ainda o grito: Vingança!

—Oh! sim, vingança!... Ah! quem seria aquela mulher que eu vira no circo? Como era bela, meu Deus, como era bela!

No dia seguinte, logo de madrugada, os mesmos Judeus que, na vespera, se tinham abtido de ir ver o jôgo dos gladiadores estrangeiros, ocupavam a parte do

Uma gargalhada atordoadora, avinhada, fez calar supeto o velho J'aquim.

—Ora adeus regalar. E' sempre a mesma historia velha e relha. Que seca: *Foi no inverno...*

Mirou em derredor aquela gentinha que ria à socapa, encarou de frente avergada os que estavam mais perto de si, achegou-se p'ro seu cantinho, sentiu-se ave-xado, e as lágrimas—ainda tinha lágrimas aquêle pobre velho!—principiaram a correr os sulcos fundos das rugas que lhe cortavam a face queimada e miuda.

—Então tio J'aquim?...

Ergueu-se rapidamente e o seu rosto tomou a expressão dum risonho disfarçado:

—Olhem... vejam...—gritava, a tremer, apontando a tira branca e volumosa do rio.

E' que êle via o seu filho a folgar, pernas ao leu e cabeça ao vento, a correr atrás do Tonio, p'ro pilhar, saltando os regos fundos dos lameiros, as pequenas sebes, muito contente, muito feliz.

Ah! mas reparai agora, vêde as expressões loucas da sua face. O olhar esgaziado. As mãos curvas, aduncas, numa sanha de fera enraivecida.

E' que o vê agora despreca-tar-se, topar num rêbo, cambaleiar em equilibrio e resvalar por fim pelo encosto aspero da margem, e cair de bruços no seio voraz do rio, que o leva a boiar, a boiar muito tempo, indo precipitá-lo no remoínho da corrente, lá baixo, na fraga excomungada onde a água cai em cachão...

Sempre a mesma historia!...

A. V.

500\$00

Dão-se a juros sôbre hipoteca.

Falar no escritório do procurador Ferreira.

Largo 1.º de Maio.

## FOLHETIM

N.º 16 31-8-1917

F. Petruçelli de la Gattina

## Memórias de Judas

(tradução expressamente feita; direitos reservados).

Emquanto os estrangeiros se divertiam com os gladiadores e os histriões de Pilatus, os carrascos ordinários preparavam as cruces. A operação era rápida. Estavam habituados. Uma hora depois, içavam os condenados nas cruces, ligados de pés e mãos; depois, quando todos pendiam dos madeiros, os carrascos quebravam-lhes as pernas e os braços, as coixas e os ante-braços com uma barra de ferro.

Ao grito dilacerante dos supliciados respondeu um grito imenso do povo; grito inarticulado que não exprimia nada e que dizia tudo. Foi o único. O povo escoou-se das cercanias do Golgotha, como a agua se escoa dum vaso rachado.

dei-os a acompanharem-me. Maria quiz ir também. Saindo da porta Judiciária, que abre para o caminho de Silo e de Gabaão, deixamos á esquerda o tumulo de Anania e começamos a subir a direito um monticulo do Golgotha. A lua batia em cheio. Uma brisa queixosa e mordente afastava uma penugem branca, esparsa em pequenos flocos, que redemoinhava caprichosamente e deixava varrido um firmamento azulado como a gruta da ilha de Capreia. A lua caminhava depressa.

Um alinhamento de formas brancas, recortadas no vacuo azul, erguia-se a nossos olhos. A medida que nos aproximavamos, as formas tomavam uma figura, e distinguíamos os corpos nus dos supliciados.

O lugar era deserto. Os guardas, depois de terem ferido de morte os condenados, pouco se importavam de escutar a última maldição ou a última súplica. A piedade andava muito alto, o ódio muito baixo para atingirem êstes servidores do estrangeiro. Cães vagabundos, que tinham brilhado no Abismo dos Cadaveres, uivavam por distração. A coruja respondia. Um gemido surdo, curto, estrangulado, perturbava também o silêncio da noite.

—Estes desgraçados não tinham irmãos, mãis, nem mulheres, nem... murmurava Maria... murmurava Maria abraçando-se

PELA INFANCIA ESCOLAR

Colmeia agricola

Publicamos a seguir o discurso proferido na festa de domingo pelo nosso illustre e dedicado correligionario A. L. de Carvalho.

E' lamentavel que nem a Associação dos lavradores proprietarios nem a dos lavradores caseiros tivessem assistido ou se fizessem representar na encantadora festa, que traduz a realizacao dum utilissimo ideal de instrucção publica.

Meus senhores—Autorizam-me as estatisticas a dizer aqui—que 55 % da populacao deste pais vive da agricultura e que 80 % do valor total da sua exportacao são produto do seu trabalho. Sendo assim não será mera expressao retorica afirmar: que este pais, mais do que industrial e comercial, é agricola.

A agricultura tem efectivamente, meus senhores, nesta tradicional terra portuguesa, um solo e um clima que são os seus grandes, generosos e uberrimos cooperadores—como melhores não há nesta divisória do globo em que habitamos—e, só mercê disso, é que tal somos pais agricola. Nesta terra duas vezes abençoada pela natureza—«jardim á beira mar plantado»—não obstante ter por si esses dous cooperadores fundamentais—um bom solo e um optimo clima—oferece a suprema desdita de ver que não cabem no limite das suas fronteiras os seus 7 milhões de habitantes, assistindo por isso ao espectáculo deprimente e flagelador de ver pôrem-se a caminho de terra alheia, para além do mar, anualmente, como uma onda escura de presagio, alguns milhares de filhos desta patria, para que não os flagele a fome que depauperá e mata e a mandriice que deprime e acobarda.

¿E por que, meus senhores, succede assim?

Porque neste pais de marinheiros e lavradores há três milhões de hectares de terreno inculto, no continente, quando só 50 mil hectares, como afirmava ainda há pouco um economista, podiam ser aproveitados para a cultura cerealifera, podendo desta maneira acomodar-se, só na parte sul do pais 13 milhões de habitantes.

Cumpra, pois, meus senhores, a todos quantos dentro desta patria, muito a sério e muito honestamente estejam dispostos a servi-la nos seus mais altos e gloriosos destinos, colocarem o seu esforço, o seu civismo, e, porventura a sua intelligencia, ao lado da causa do fomento nacional agricola.

Este problema, é certo, se na monarchia não mereceu senão sarcasmos e desprezos, na Republica pouco também tem arroteado os poderes publicos no sentido de colocar a agricultura no caminho das mais amplas e proveitosas iniciativas. Dura ingratitude seria todavia não reconhecer quão de remodelador e de proficuo já se tem feito dentro destes 6 anos de Republica sob o ponto de vista da catêdra e do crédito agricolas. E' contudo necessário tentar mais, abrir sulcos ainda mais vigorosos e mais fundos, lembrando-nos que a par da inercia anda a rotina—esse flagelo que, como uma tara ancestral pesa horrivelmente sobre o dorso da maioria dos donos da propriedade rural e de seus grangeadores da terra que canserosamente arroteam de sol a sol, ao lado do boi, seu companheiro antigo.

Ora esse combate, para que

vingue e colha seus resultados, é mister, meus senhores, iniciá-lo, mais do que no homem de calo na vontade, na infancia escolar onde ainda não pesa a superstição do erro e a negação da sciencia. E' aí, na Escola Primaria, nessa grande officina onde se preparam dia a dia os homens que hão-de ser os construtores da Cidade e cantada do futuro—é na escola, meus senhores, que as innovações da sciencia agricola, do progresso agricola tem de ser lançadas, com o carinho e com a persistencia, com a grandeza de espirito e a tenacidade dalma que exige todo o apostolado sacrosanto. Havendo-o também compreendido assim o autor da reforma da lei da instrucção relativa a 29 de Março de 1911—de facto si podemos ver que o ensino da agricultura acompanha a criança desde os Jardins-Escolas—essas colmeias destinadas á infancia de 4 a 7 anos, onde sem livros se faz maternalmente a educacao dos sentidos, ás escolas primarias—esses viveiros onde a criança, como plasticina ou cera, recebe o cultivo da sua segunda educacao para entrar na vida.

Há, é certo, meus senhores, gente incrédula que jamais havendo sabido prescutar e traduzir a receptividade sensorial, a curiosidade intelligente, a inata ansia de saber de que a criança é possuída, se sorri dos legisladores que preceituam tal ensino—a petizes. Por sua vez, eu sei que os mesmos incrédulos consideram ingenuo todos quantos se preocupam em ligar importancia ao decurso do legislador, mandando aos senhores professores primarios ensinar os seus pequeninos alunos a... brincar—digamos assim!—com a terra e com as sementes.

Deixemos porém consigo o incrédulo, todo aquele que não tem confiança e não tem fé, e olhem para o que no sentido do ensino agricola na escola primaria se faz lá fora—já que, por mal de nossos destinos, tendemos a andar sempre a copiar, quando em vez de copiar não arremedamos.

Como bons e edificantes exemplos dados quanto ao aproveitamento dos incultos, aprendamos com a Suica e aprendamos com a França, onde o professorado primario, o bem remunerado e considerado Mestre-Escola, consocio da sua alta e nobre missão lançou ele próprio, há muitos anos, a criação dos Viveiros Escolares Florestais—sociedades orgauizadas por tal modo e com tantas ajudas que são já hoje grandes provas e salutarexemplos de quanto vale esse brincar dos pequeninos alunos com a terra e com as sementes.

Compreende-se, meus senhores, que alguns dos alunos iniciados nestes labores recreativos, não guardem da lição se não a parte agradável que a mesma encerra: outros porém—(e estamos certos que serão o maior numero!)—saberão tirar da lição pratica e semanal todos os ensinamentos de utilidade e de bondade austera que da mesma lição derivam, compreendendo e assimilando, quando já homens, a verdadeira grandeza e o eficaz beneficio que para o bem individual e comum resulta de amar, de trabalhar, de cultivar a terra.

Quando todavia dos alunos a quem este ensino pratico vai ser ministrado poucos viessem a aproveitar, nós preguntariamos ainda assim, servindo-nos do pensamento dum professor suico:—Deviamos por isso renunciar a elle?

Ah! não; pelo contrario. Devemos perseverar e redobrar de esforços, porque se estes, os eleitos dos nossos sentimentos, são mais raros, eles serão, por outro lado, os que no seu meio exercerão a mais forte, a mais decisiva influencia; serão aqueles cuja voz corajosa gritará no momento de perigo:—já natureza, a terra, são coisas belas e sagradas!

Meus senhores: O Conselho de

Ass. Escolar criou há pouco junto destas Escolas Centrais uma Oficina de Laves para as meninas. Deviamos ás crianças do sexo masculino uma—como dizer?—indemnização. Aqui a teem. E' a escola pratica de agricultura.

Não que fosse despropósito entender este apprendizado também ao sexo feminino; mas a verdade é que as meninas uma outra função—função mais essencial, se lhe impôr: a do apprendizado domestico.

Não ficarão talvez contentes conosco—e algumas em nome das suas companheiras já no-lo manifestaram. Não obstante, estejam certas que o Conselho de Assistencia, ajudado pelo culto es-

pirito do illustre engenheiro e nosso patricio Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Coelho da Mota Prego, não as olvidando jamais. em breve criará um anexo a este ensino que melhor se case com a amorosidade do sentir feminino.

Sejam as minhas ultimas palavras para vós, crianças, pois que para vós, para a felicidade do vosso futuro é que hoje aqui se inaugura esta escola por modo tam festivo e solene.

Abençoi esta terra nua com a pureza santificante do vosso olhar! Frutifique ela em frutos doirados e lindos—como doirada e linda é a vossa fantasia! Que nesta hora suprema em que se digladiam os povos se abram em germen e

em luz as vossas almas juvenis, para que, ouvindo o seu ritmo, o coração angustiado da patria, não esmoreca e crie alento novos.

Pela hora amarga do presente, bendigamos o futuro—pois que o dia de amanhã será mais belo, será mais glorioso, será mais imortal se a pratica deste exemplo, aliada a outros exemplos, se desdobrar em vontade-esforço, e germinar em trabalho-fulcundo! Crianças! Meus amigos!

Seja bendito o vosso cântico alado e cristalino, o vosso cântico de escola tam feliz e inspirado:

O' Escolas, semeai! ó Escolas semeai! O amor! a Vida! a Luz! a limpida Verdade!



NOTICIOSA

Assistencia Publica

Do Governo Civil do Districto foi expedida ás administrações dos concelhos uma circular, nestes termos:

«Tendo resolvido o Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Republica tomar a alta iniciativa de uma bela e humanitaria obra tendente a dar um amplo e indispensavel incremento ás Instituções de Assistencia Publica, e bem assim prestar auxilio ás obras de beneficencia privada, preciso que V. Ex.<sup>a</sup> me forneça os seguintes subsidios de estudo:

- 1.º—Dos estabelecimentos de beneficencia existentes nesse concelho, com discriminacao da sua finalidade, individualizacao numerica dos beneficios que prestam, recursos de que dispõem, a capacidade de desenvolvimento nos limites desses mesmos recursos;
- 2.º—Da extensao da indigencia na area desse concelho, da forma como ao presente se lhe acode e dos recursos que julga indispensaveis para socorrer, quer por meio de Asilos fechados, quer com subsidios em domicilio;
- 3.º—Das necessidades conhecidas nesse concelho relativamente a expostos e creanças abandonadas e dos limites em que a respectiva Municipalidade lhes acode;
- 4.º—Das obras de assistencia que a Câmara Municipal e Juntas de Freguesia tenham a seu cargo e de sua extensao;
- 5.º—Quais são os recursos que nesse concelho se poderão obter para a realizacao da obra projectada e quais os alvitres que julga deverem ser adoptados para a obtencao do rendimento maximo desses recursos.

Espero que V. Ex.<sup>a</sup> applicará a este assunto a maxima diligencia e o mais acurado desvelo, fornecendo-me os elementos que peço até ao fim do mês corrente.»

Saude e Fraternidade.—O Governador Civil substituto, (a) Bento de Oliveira.

Colmeia Agricola

Inaugurou-se no domingo, por iniciativa do Conselho de Assistencia Escolar, nos terrenos anexo ás Escolas Centrais, uma escola pratica de Agricultura—Colmeia Agricola—, acto que se revestiu de certa solemnidade.

Presidiu o sr. Mariano da Rocha Felgueiras, na qualidade de presidente da Comissao Executiva da Câmara, secretariado pelos srs. José Luis de Pina e Manoel A. Ribeiro de Miranda, respectivamente,

Reitor do liceu e Inspector do Circulo.

Foi lido um officio comunicando que o Ex.<sup>mo</sup> Ministro da Instrucção concedera o subsidio de 450 escudos á Cantina Escolar Vimaranense, e também um outro do director da Officina de S. José, pedindo desculpa de não comparecer á festa.

Discursaram, salientando a utilidade da obra que se inaugurava, os srs. A. L. de Carvalho e Joaquim de Almeida, professor das Centrais, sendo aplaudidos pela assistencia, que se compunha, além das creanças da Cantina e outras, de representantes de diversas colectividades e associações, da Câmara Municipal, Academia, Colégio Academico, Escola Academica, Internato Municipal, Escola Industrial, imprensa, etc.

As creanças entoaram lindas canções e abrilhantou o acto a excelente banda de infantaria 20.

Plantaram-se quatro arvores e procedeu-se a uma sementeira, sendo as creanças fotografadas na occasiao destes trabalhos.

A simpática e educadora festa terminou por pic-nic ás creanças que teve lugar na suburbana freguesia da Costa.

Ao Conselho de Assistencia Escolar, instituidor da «Solidaria» e agora da «Colmeia Agricola», os nossos aplausos e louvores.

Bombeiros Voluntarios

A Humanitaria Associação dos Bombeiros Voluntarios comemorou no domingo, solenemente, o 40.º anniversario da sua fundacao.

Na sessao solene, a que presidiu o sr. Padre Abilio Augusto de Passos, secretariado pelos srs. José Menezes de Amorim e A. L. de Carvalho, foram agraciados com medalhas comprovativas de 25 anos de bom e efectivo serviço, os bombeiros José Maria de Almeida e Francisco Ferreira de Andrade. Discursaram o sr. presidente, comandantes, srs. Simão Costa e José Pina, e A. L. de Carvalho.

O quartel esteve á exposicao e via-se engalanado, tocando, á noite, uma banda de musica.

Falecimentos

Na sua casa, á rua de Francisco Agra, faleceu repentinamente o sr. Maximiliano Lobo de Sousa Machado, proprietario.

Também faleceram os srs. António Augusto Ferreira, tio do nosso redactor principal, sr. dr. Eduardo d'Almeida, e o sr. Miguel da Silva, proprietario, e, em Tagilde, o sr. José António Fernandes da Rocha.

Sinceras condolencias aos doridos.

Carteira

Foi nomeado administrador do concelho, o sr. dr. António José da Silva Bastos Junior, distincto advogado e notario, desta comarca

De 12 a 15 de Abril proximo proceder-se-á á incorporação dos mancebos destinados á primeira época.

Está melhor da doenca que o teve retido no leito, o digno delegado do Procurador da Republica, nesta comarca, sr. dr. Raul Alves da Cunha.

AGRADECIMENTO

Bento José Leite e filhos agradecem a todas as pessoas que se dignaram apresentar-lhes os seus sentimentos por occasiao do falecimento de sua saudosa irmã e tia D. Joaquina Rosa Leite, protestando a todos o seu reconhecimento.

Guimarães, 9 de Março de 1917.

Esteios de louza

VENDEM-SE algumas centenas, em lotes de 50, com 12 palmos de comprimento, muito próprios para vedações e Cardos ou corrimões de vinhas.

Carta ou pedido ao Proprietario da Quinta do Cabo e Lordelo, em Lordelo (Guimarães).

Endereço postal:

Negrelos (Minho) Posta Restante

**Artistas de Calçado**

Precisam-se na "União Industrial", desta cidade, rua Trindade Coelho, (antiga rua da Caldeiroa) para obra de senhora, pagando-se de feitiço \$75 (750).

**EDITAL**

(1.ª Publicação)

**Abílio Fernandes Guimarães, Presidente da Junta da freguesia de S. Paio:**

Faz público que se acha patente na Secretaria desta Junta, durante o prazo de 15 dias, a contar da data do presente edital, o caderno da contribuição paroquial, que ha-de constituir receita para o ano de 1917, a fim de ser examinado pelos interessados, que poderão apresentar qualquer reclamação dentro do referido prazo.

Guimarães, e Secretaria da Junta da freguesia de S. Paio, 20 de Março de 1917.

O Presidente,

Abílio Fernandes Guimarães.

**EDITAL**

**A Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Guimarães.**

Faz público que, desde o dia 2 do próximo mês de Abril está aberto o cofre municipal para a cobrança voluntária das contribuições directas municipais do corrente ano de 1917—predial, industrial, sumptuária, juros sobre capitais mutuos e vencimentos de empregados.

As colectas sobre as contribuições-predial-industrial e sumptuária, podem ser pagas em prestações e as restantes, por uma só vez.

**Cobrança voluntária**

Primeira e segunda prestação desde 2 de Abril até 2 de Maio.

Terceira prestação em

todo o mês de Julho seguinte.

Quarta prestação em todo o mês de Outubro seguinte.

Se o pagamento tiver de se realizar em duas prestações, serão estas pagas no período da cobrança voluntária acima mencionado de 2 de Abril até 2 de Maio.

Depois de encerrado o cofre pagarão mais os juros de móra, nos termos do art.º 65 da Lei de 23 de Junho de 1916, calculada sobre a importância das prestações em dívida, até integral pagamento, procedendo-se ao relaxe nos termos do art.º 51 da citada Lei.

E para conhecimento de todos os contribuintes, se publica o presente edital nos lugares mais públicos, em todas as freguesias do concelho e ainda em um jornal da terra.

Guimarães, 20 de Março de 1917.

E eu, José Maria Gomes Alves, Chefe da Secretaria, o escrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

**EDITAL**

(2.ª Publicação)

**Mariano da Rocha Felgueiras, Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal, servindo de Administrador do concelho de Guimarães:**

Faz saber que, de harmonia com o disposto no art.º 143.º do Regulamento das Cadeias Civis, de 21 de Setembro de 1901, se acha aberto concurso, por espaço de 20 dias, para fornecimento do sustento dos presos indigentes da cadeia civil desta cidade, desde 1 de Julho do corrente ano até 30 de Junho de 1918.

As condições e clausulas para a arrematação do aludido fornecimento, acham-se patentes na secretaria desta administração, onde podem ser examinadas todos os dias uteis, das 10 ás 16 horas. Para constar, se passou o presente e outros

que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Administração do concelho de Guimarães, 12 de Março de 1917.

E eu Manuel de Freitas Aguiar, Secretário, o subscrevi.

Mariano da Rocha Felgueiras.

**Arrematação**

(1.ª Publicação)

Pelo Juizo de Direito da comarca de Guimarães, e cartório do 5.º officio, no dia 15 d'Abril próximo, se hão de pôr em praça pública, para serem entregues a quem por elles maior lanço oferecer acima da avaliação respectiva, no inventário orfanológico a que se procede por óbito de João Alves da Silva Cosme, casado, que foi morador na rua de Gil Vicente, desta cidade, ás 11 horas, à porta do Tribunal Judicial sito à rua do Gravador Molarinho, os seguintes:

**Imoveis alodiaes**

Uma morada de casas, dum andar, com salas, quartos e cosinha nas trazeiras sobre o primeiro andar, sita na rua 31 de Janeiro desta cidade, com o n.º de policia 106, e a fazer tambem frente para o largo de S. Bento, avaliada na quantia de 350000.

E o direito e acção a metade de uma morada de casas de 3 andares, sita à rua de Gil Vicente, desta cidade, com os n.ºs de policia 17 a 29, tendo lojas, salas, quartos, cosinha, ramada de ferro com vides sobre um telhado, e com servidão pelas trazeiras para um caminho de diversos moradores da rua 31 de Janeiro, avaliado em 2:750000.

E ás 13 horas, à porta da casa onde morou o inventariado, à predita rua de Gil Vicente, os

**Bens Moveis**

Que guarneciam a casa do inventariado, em que se comprehendem guarda vestidos, cammas á francesa, toilette, lavatórios, cadeiras, fogão, louças, roupas de cama, cobertores, roupas de uso próprio do inventariado e relógio de prata e corrente d'ouro.

Pelo presente, são citados quaisquer credores incertos.

Guimarães, 23 de Março de 1917.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Santos.

O escrivão,

José Maria Baptista Ribeiro.

**FARMACIA NORMAL**

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

— Ao Ex.º corpo clínico

— Aos seus amigos

— Ao público em geral

participam-no

**Manoel Jesus de Sousa & C.ª**

**DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO**

Agencia da Companhia de Seguros

**Portugal Previdente**

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes  
Completo sortido em molduras para quadros  
Papel para forrar casas  
Azulejos e mosaicos  
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negócio.

**DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.ª**

78, Rua da República—GUIMARÃES

**"PROSPERIDADE,"**

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

**António José Peixoto da Costa**

Rua da República n.º 144

**Instituto Informador Comercial**

— DE —

**FORTUNA & BARBEDO Limtd.ª**

Rua das Carmelitas, 100—2.º—PORTO

Telefone 386

Telegrafo Forbedo

Correspondentes em todos os pontos do PAÍS, MADEIRA, AÇORES, AFRICA e todos os paizes do ESTRANGEIRO.

Serviço especial de administração, compra e venda de predios e colocação de dinheiro sobre hipotecas.

Comissões, consignações e conta própria.

**ATLANTICA**

**COMPANHIA DE SEGUROS**  
CAPITAL ESC. 500.000\$00

**SEDE NO PORTO:—LARGO DOS LOIOS, 92**

Seguros de incêndios, marítimos, roubos, greves, tumultos, assaltos, bombardeamentos, guerra, postais, quebra de cristais, agricolas e desastres ou morte de gado.

Encarrega-se de efectuar toda a espécie de seguros em qualquer localidade o correspondente na freguesia de Atães

**José de Freitas Santos**

Rua do Retiro, 27

GUIMARÃES

**O REPUBLICANO**

Propried. do Centro Democrático Vimaranesse

(Publica-se aos sábados)

**PREÇO DA ASSINATURA**

Ano . . . . .	1\$30 cent.
Semestre . . . . .	\$65 "
Brazil, ano (moeda forte) . . . . .	2\$50 "
Número avulso . . . . .	\$08 "

**PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES**

Anúncios e comunicados, por linha . . . . .	6 cent.
Repetição, por linha . . . . .	2 cent.
Permanentes, contrato convencional . . . . .	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

**O Republicano**

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano

PUBLICA-SE AOS SÁBADOS

Num. 50

**Do Cidadão**